

## *Ermos e gerais (contos goianos)*

de Bernardo Élis

Edição organizada por Luiz Gonzaga Marchezan  
São Paulo: Martins Fontes, 2005

Alcmeno Bastos  
(UFRJ)

*Ermos e gerais (contos goianos)*, livro de estréia de Bernardo Elis (1915-1997), em 1944, volta às livrarias em primorosa edição organizada por Luiz Gonzaga Marchezan, professor da UNESP, notável especialista em regionalismo.

Na Introdução (MARCHEZAN, 2005, p. IX-XXIX<sup>1</sup>), Marchezan faz ligeira recensão da fortuna crítica de Bernardo Elis, pondo em destaque os aspectos mais relevantes da obra do contista goiano. Evidencia que se trata não de um escritor que joga todas as fichas no atrativo relativamente fácil do pitoresco interiorano, mas sim de um ficcionista cujo regionalismo “ora se traduz trágico, ora cômico, ora quase fantástico; que migra do sublime presente na natureza dos ermos e gerais para a revelação do grotesco na alma subterrânea do homem que habita esses lugares”. A alternância de dicções: trágico, cômico, quase fantástico; o percurso de um extremo a outro dos tons possíveis numa narrativa: do sublime ao grotesco, tudo indica, segundo Marchezan, que a ficção regionalista de Bernardo Elis é irredutível a uma fórmula.

Ainda nesta Introdução, Marchezan apresenta ao leitor, em toques rápidos e precisos, os dezenove contos e a novela “André Louco”. A esta é dedicada atenção maior, consentânea com sua extensão e com a relevância que viria a ter no conjunto da obra de Bernardo Elis<sup>2</sup>. Não se trata, porém, de simples paráfrases. Além da síntese das estórias, o organizador desta edição agrupa as peças por suas afinidades temático-composicionais, iluminando os traços de maior ressonância. Assim é que os contos são apresentados como relatos de “casos”, isto é, como “narrativa falada ou escrita, concisa, que contém uma unidade dramática, concentrada numa única ação”.

<sup>1</sup> Eximimo-nos de indicar as páginas das demais citações desta Introdução por serem de fácil localização. Quanto à Cronologia e às Notas sobre a presente edição, encontram-se respectivamente nas p. XXXI-XXXIV e XXXV.

<sup>2</sup> Conforme Explicação introdutória, Bernardo Elis resolveu reagrupar os contos de *Ermos e gerais* (1944) e *Caminhos e descaminhos* (1965) em dois volumes, tomando por base o “espaço ficcional”. O primeiro desses volumes foi publicado em 1975 e ganhou o título de *Caminhos dos gerais*. O segundo, publicado em 1978, foi intitulado justamente *André Louco*.

O emprego de “caso” e não de “causo” apaga qualquer marca de exotismo, alçando os contos à condição de narrativas complexas, que guardam em si ora “fábulas tragicômicas”, ora o “mistério”, quando sejam “contos lacunares”, ótima expressão para designar alguns relatos oblíquos. Nesses contos, os pontos temáticos são a violência, promovida pelos homens, eventualmente ajudados pela natureza; a morte, que “coloca o homem diante de seus limites”, e que “nos ermos tem requintes que a intensificam”; o poder, seja o poder dos coronéis, seja o poder do acaso, que define o destino dos homens perdidos na vastidão dos ermos; e o tempo, que nessas “regiões afastadas dos centros de decisões” impõe-se aos “heróis sem domínio do seu querer, alheados, apartados do mundo, do desejo”. Esses temas são trabalhados de um modo que supera a captação apenas realista de fatos e personagens. Segundo Marchezan, o narrador de Bernardo Elis adota, por vezes, focalizações de corte expressionista (especialmente no conto “O caso inexplicável da orelha de Lolô”), que levam ao exagero o grotesco e o insólito, como formas de “representar a degradação de um tempo vivido nos ermos e gerais”, e que se avizinham da hesitação do fantástico, ou mesmo superam o fantasmático e chegam ao mórbido. No plano mais imediato da textualidade, Marchezan também alude, se bem que apenas de passagem, ao emprego do coloquialismo, da oralidade, que em Bernardo Elis não é recurso ornamental ou mesmo avalizador da autenticidade das falas atribuídas às personagens.

A posição de Bernardo Elis no quadro do regionalismo brasileiro é indiscutível. Ele mesmo indicou sua filiação quando, na Ficha Autobiográfica<sup>3</sup> que redigiu, a pedido da editora, para a quarta edição de *Veranico de janeiro* (1965), contou como descobriu a força da ficção regionalista: em 1935 caiu-lhe nas mãos o romance *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, consensualmente admitido como iniciador do romance nordestino de 30. Ainda nas palavras de Bernardo Elis: “depois li Zé Lins do Rego: aí senti necessidade de contar coisas como esses contavam e percebi que muito havia que contar” (ÉLIS, 1978, p. xiv). A adesão ao regionalismo não se fez, porém, apenas por simpatia. Sem prejuízo da espontaneidade na captação dos aspectos tipificadores do sertão de Goiás, nascida do conhecimento vivo que deles tinha o autor, Bernardo Elis tinha elevado grau de consciência do que deva ser literatura regionalista. Marchezan transcreve parte de uma introdução feita

<sup>3</sup> Essa Ficha Autobiográfica aparece também na edição de *André Louco*, de 1978, com sensíveis modificações em relação à versão anterior.

pelo escritor goiano aos contos de Valdomiro Silveira, quando estabelece os “dois traços fundamentais” do regionalismo: ser a representação literária do “Brasil tradicional, não urbanizado” e fundar-se, do ponto de vista lingüístico, “na singularidade dialetal do contexto, numa linguagem singular-rural”. Deste modo, ancorado na oposição entre uma cultura tradicional, rural, não-industrializada e uma outra, não-tradicional, urbana e industrializada, Bernardo Elis fende o Brasil em dois, mas não restringe geograficamente o regionalismo, pois afirma que ele pode manifestar-se no “norte, nordeste, sul, leste ou centro-oeste do Brasil”. Na verdade, a ênfase está nessa espécie de descompasso temporal, para a qual contribui, é evidente, o afastamento de certas regiões dos centros de decisão política, usualmente mais próximos do litoral, pelo menos até a criação de Brasília. Na já mencionada Ficha Autobiográfica, Bernardo Elis observava que a situação de “isolamento e inacessibilidade” dos “ermos e gerais” já apresentava mudanças, superada pela “integração nacional decorrente, entre outros fatores, da criação de Goiânia e Brasília” (ÉLIS, 1978, p. xvi).

Evidentemente, quando foram escritos os contos de *Ermos e gerais* a paisagem geográfica e humana dos sertões goianos estava longe de sofrer qualquer alteração marcante. Assim sendo, Bernardo Elis pôde alimentar-se diretamente dessa realidade. Mas o importante é que, como já ressaltado, seu regionalismo não se esgota na captação do pitoresco. A abertura de “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá” até poderia induzir a erro, pela fidelidade da escrita ao registro lingüístico da fala da personagem: “– Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós.” (ÉLIS, 2005, p.3). Mas a despeito dessas e de muitas outras corruptelas, do léxico muito particular, o texto de Bernardo Elis não demanda glossário, é perfeitamente compreensível para o leitor distanciado da realidade representada nos contos. Dois são os processos discursivos que impedem a redução do texto a interesse tão limitador. A dicção do narrador, habilmente balanceada entre a adesão lingüística ao universo das personagens, evita tanto o distanciamento do cidadão que se debruça sobre o falar “engraçado” do interiorano, cioso de sua condição de usuário culto da língua, que não pode escrever “errado”, quanto a avidez na exata reprodução desse falar diferente, que acaba por tornar criptográfico o texto, vedada sua compreensão ao leitor que não comungue do conhecimento da realidade lingüística ficcionalmente representada.

Além dessa dimensão textual, a focalização de personagens e situações, como já mencionado, põe à vista do leitor dramas que escapam do condicionamento regional.

A título de exemplo, em “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, conto de abertura de *Ermos e gerais*, Quelemente, o protagonista, toma uma decisão drástica: lutando contra as águas revoltas do rio, sacrifica a própria mãe, velha e entrevada, com quem dividia a frágil jangada na tentativa desesperada de escapar da implacável correnteza, dando-lhe um pontapé no rosto. Quelemente é levado a isso pela certeza de que, naquela situação, a velha lhe era um estorvo, mas se arrepende, quando percebe que talvez fosse possível salvá-la, sim. Faz uma inútil tentativa de reencontrá-la, e o conto finda com a morte do rapaz, tragado pelas mesmas águas que já haviam levado a velha. Eis uma situação que avança muito além do típico incidente regional, evidenciando a riqueza psicológica da interioridade da personagem. Não é impróprio ver nesse magnífico conto um exemplo acabado de narrativa de horror, composta, porém, com elementos de rigorosa verossimilhança, forjado apenas com a captação simples das reações extremadas das personagens ao fatalismo da força das águas do rio Corumbá, durante uma cheia.

Como esse conto, as demais narrativas situam-se no âmbito de um indiscutido regionalismo. Apenas um, “Cenas de esquina depois da chuva”, na verdade, mais o flagrante de uma situação que uma estória com começo, meio e fim, aproxima-se muito da crônica. Nele não há nítidas referências que conduzam a imaginação do leitor à amplitude dos “ermos e gerais”. Pelo contrário, somos levados a pensar numa ambientação de pequena cidade, interiorana é verdade, mas de qualquer modo, urbana. A Introdução redigida pelo professor Marchezan, como já ressaltado, não deixa um só dos contos sem uma apresentação sintética, de modo que seria redundante voltar a fazê-lo nesta resenha. Contudo, é impossível passar ao largo de um conto tão exemplar quanto “Noite de São João”. Aqui temos a fusão bem acabada de notação melancólica sobre o passar inexorável do tempo – seu Jeremias, numa noite de São João, evoca outra noite, mais de trinta anos atrás, quando se viu encantado com a jovem Anica, a quem jamais teve coragem para declarar-se, e que agora está perto dele, maltratada pelos muitos anos decorridos desde aquela noite, uma outra Anica, velha, gorda, babando durante o sono – e a captação crítica da tipicidade regionalista: “Serviam café com bolo

de mandioca. O pessoal barulhento, risonho, cercou a fogueira. Um balão começou a subir. *Não. É mentira. Não há balões nos sãojões analfabetos da roça.* O que começou a subir pelo céu, mais belo que balão, foi uma moda de viola. Chorosa, longa, com sabor arrependido de banzo.” (ÉLIS, 2005, p. 196 – itálicos nossos).

Muito oportuna, portanto, a reedição desse clássico do regionalismo brasileiro que resiste ao eventual enfraquecimento da corrente pelas virtudes intrínsecas da escrita de Bernardo Elis.